Perspectivas & Diálogos: Revista de história social e práticas de ensino
ISSN 2595-6361, v. 8, n. 16 – 2025
DCH – UNEB / *campus* VI

Entrevista

Maria Isabel d'Agostino Fleming: trajetória acadêmica e legado intelectual

Maria Isabel d'Agostino Fleming: academic trajectory and intellectual legacy

Maria Isabel d'Agostino Fleming: trayectoria académica y legado intelectual

Vagner Carvalheiro Porto
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo
vagnerporto@usp.br
ORCID: 0000-0001-6186-7845

Maria Isabel D'Agostino Fleming, carinhosamente conhecida como Mabel entre colegas e alunos, é uma das pioneiras da arqueologia mediterrânica no Brasil. Professora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), dedicou décadas à formação de pesquisadores e ao desenvolvimento de estudos sobre o mundo romano e suas províncias. Com trajetória marcada por pesquisas sobre tecnologia cerâmica, metalurgia antiga e cultura material do Mediterrâneo, Mabel também teve papel fundamental na consolidação institucional da área, atuando como editora da *Revista do MAE* por mais de duas décadas e como coordenadora do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP). Sua atuação combina rigor acadêmico, generosidade intelectual e profundo compromisso com a formação de novas gerações. Nesta entrevista, ela revisita momentos de sua trajetória e compartilha reflexões sobre a arqueologia e seus caminhos no Brasil.

Pergunta 1:
Sua formação em Arqueologia se deu em um momento inicial de consolidação da área no Brasil e teve como marco decisivo sua permanência como membro estrangeiro da Escola Francesa de Roma (1983–1985), sob a direção de Georges Vallet e com acompanhamento direto de Michel Gras. Como esse período fundador, tanto intelectual quanto institucional, moldou sua maneira de pensar a Arqueologia Romana e Mediterrânica e repercutiu em suas escolhas acadêmicas no Brasil?

De fato, minha formação está estreitamente associada ao período inicial de consolidação da Arqueologia no Brasil. No entanto, para compreendê-la adequadamente, é necessário esclarecer com maior detalhe o percurso que antecedeu minha permanência na Escola Francesa de Roma, já no contexto de meu doutorado. Peço, assim, licença para retornar no tempo e rememorar meu primeiro "batismo arqueológico", ocorrido nos anos de 1967–1968.
Minha formação inicial deu-se, de modo ainda incompleto, na área da Física, cursada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde concluí o currículo correspondente aos três primeiros anos. Apesar de um percurso acadêmico já avançado, não me sentia plenamente realizada em relação ao futuro docente que então se delineava. Optei, portanto, por trancar a matrícula e acompanhar meu marido a Turim, onde ele desenvolveria seu doutorado no *Istituto di Fisica* da *Università degli Studi di Torino*.
Foi nesse contexto — e, naturalmente, estando na Itália — que tive a oportunidade de descobrir a existência da Arqueologia como campo disciplinar. Consegui frequentar, ainda que por um período muito breve, como ouvinte, aulas de Arqueologia ministradas na *Facoltà di Lettere e Filosofia*, da *Università di Studi di Torino*. Estávamos, contudo, em 1968, ano marcado pelas grandes revoltas estudantis na França e, por consequência, na Itália, particularmente intensas em

Recebido: 17 de outubro de 2025
Aprovado: 13 de março de 2026
Publicado: 28 de março de 2026

áreas próximas à fronteira francesa, como Turim. A situação rapidamente se tornou inviável para a continuidade dessas experiências acadêmicas. Ainda assim, esse contato inicial revelou-se decisivo, pois indicou com clareza e segurança o rumo de minhas escolhas futuras.

Em 1970, retornei à USP, agora como aluna do curso de História, e uma de minhas primeiras iniciativas foi aproximar-me deliberadamente de uma instituição da qual, à época, apenas ouvira falar: o então Museu de Arte e Arqueologia, fundado poucos anos antes. É importante destacar que o MAE, desde sua constituição, em 1964, como Museu de Arte e Arqueologia, possuía uma orientação inicial fortemente voltada para a Arqueologia Clássica, especialmente a Itália pré-romana. Sua formação resultou de um significativo intercâmbio de peças entre onze museus italianos e o envio, em contrapartida, de material pré-histórico e etnográfico brasileiro ao *Museo Nazionale Preistorico Etnografico Luigi Pigorini*, em Roma.

O acervo, composto por cerca de 1.500 peças, era constituído majoritariamente por materiais da Itália pré-romana, incluindo cerâmicas laciais, etruscas, etrusco-coríntias e etrusco-campânicas, bem como produções provenientes da Apúlia e da Calábria. Destacavam-se ainda a cerâmica e os bronzes vilanovianos, originários do norte da Itália, mas amplamente difundidos na Etrúria, no Lácio e em determinadas áreas do sul da península Itálica.

Nesse processo, a atuação de Francisco Matarazzo Sobrinho foi decisiva, não se limitando ao apoio financeiro, mas abrangendo dimensões intelectuais, institucionais e diplomáticas que definiram o perfil inicial do Museu.

Foi nesse ambiente que se iniciou, de forma efetiva e prática, minha verdadeira formação em Arqueologia. Desde o primeiro momento, busquei inserir-me em um programa de caráter formativo, como a iniciação científica, compreendendo-a como etapa fundamental para a consolidação de uma base metodológica e teórica consistente. Passei então a ser orientada pela Professora Haiganuch Sarian, cuja trajetória acadêmica se distinguia por sólida formação na França, onde doutorou-se em Arqueologia Clássica pela *Université de Caen* e como membro estrangeiro da Escola Francesa de Atenas, 1966 e 1968, sendo atualmente Pesquisadora Sênior dessa instituição.

Desde os primeiros trabalhos, dediquei-me ao estudo de uma coleção de lamparinas cerâmicas de diferentes tipologias e procedências — gregas, romanas, sírio-palestinas e paleocristãs norte-africanas — pertencentes ao acervo do Museu de Arte e Arqueologia. Esse conjunto inicial, mais restrito, composto por cerca de 60 peças, foi posteriormente ampliado com aproximadamente 140 exemplares do acervo do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse *corpus* estendido constituiu a base empírica de minha dissertação de mestrado, concluída em 1978, intitulada *As lamparinas na Antiguidade Clássica: problemas sociais, econômicos e tecnológicos*, na qual procurei articular questões relativas à produção, ao uso e à circulação desses artefatos no mundo antigo.

Retomando, agora, a primeira parte da questão referente ao período de minha permanência na Escola Francesa de Roma, considero fundamental destacar a singular oportunidade de ter frequentado essa instituição em um momento de grande vitalidade intelectual, especialmente sob a direção de Georges Vallet. Sua atuação foi essencial tanto para a consolidação de minha formação quanto para a centralidade que a Arqueologia Romana e Mediterrânica assumiram em minhas escolhas acadêmicas no Brasil. Vallet, professor e pesquisador de referência, contribuiu decisivamente para a estruturação de missões arqueológicas duradouras, valorizando a diversidade regional do Mediterrâneo ocidental e consolidando uma sólida tradição franco-italiana de pesquisa, além de integrar de modo exemplar arqueologia, história antiga e estudos epigráficos.

O ambiente intelectual da instituição era, por isso mesmo, particularmente inspirador, com a presença frequente de nomes centrais da arqueologia italiana contemporânea, como Andrea Carandini, Mario Torelli e Filippo Coarelli. Nesse contexto, destaca-se ainda o papel de Michel Gras, meu diretor de estudos de doutorado, cuja contribuição foi fundamental para a consolidação de uma visão do Mediterrâneo como espaço de interações contínuas, e não como simples justaposição de áreas culturais isoladas. Sua abordagem enfatizava o caráter dinâmico dos contatos entre gregos, etruscos, fenícios, itálicos e populações locais, bem como a necessidade de

uma arqueologia profundamente articulada à história antiga, atenta à cultura material como fonte histórica plena e sensível aos usos sociais, simbólicos e econômicos dos objetos.
Foi também graças à sua mediação que tive acesso à reserva técnica do acervo arqueológico do *Museo Archeologico Nazionale di Napoli* e aos depósitos arqueológicos de Pompeia, espaços fundamentais para o levantamento e a classificação tipológica do vasilhame de bronze romano. Esses dois conjuntos, somados ao acervo de bronzes do Museu Nacional do Rio de Janeiro, constituíram a base material de minha tese de doutorado, *O vasilhame de bronze romano: produção e consumo no início do período imperial*.

***

Pergunta 2:
Após sua experiência formadora na Itália, a senhora passou a atuar diretamente em um momento decisivo da história institucional da Arqueologia na USP, marcado pela criação do Museu de Arqueologia e Etnologia. Como a senhora vivenciou esse processo de constituição do MAE-USP — incluindo a fusão de diferentes acervos e tradições museológicas — e qual foi, a seu ver, o significado desse momento para a pesquisa, o ensino e a museologia arqueológica no Brasil?

A constituição do novo MAE-USP, em 1989, promoveu mudanças essenciais no panorama da pesquisa e do ensino dessas áreas na Universidade de São Paulo, ao reuni-las, pela primeira vez, em uma única instituição. Tratava-se da convergência de experiências consolidadas de pesquisa arqueológica e etnológica voltadas para diferentes territórios e contextos culturais — Brasil, América Andina, Mediterrâneo e África — bem como para recortes cronológicos amplos, que se estendiam da pré-história aos períodos históricos. Esse quadro exigiu, naturalmente, ajustes e adaptações no convívio institucional então estabelecido.
As dificuldades iniciais foram gradualmente convertidas em vantagens significativas, resultantes de um processo de aprendizado mútuo e de cooperação efetiva, no qual prevaleceu o interesse comum pelo fortalecimento e pela qualificação da pesquisa em arqueologia, etnologia e museologia. Nesse contexto, destaca-se a conquista da autonomia da pós-graduação em Arqueologia, até então vinculada como área de concentração à pós-graduação em Antropologia Social, assim como a consolidação da pós-graduação em Museologia. Esta última passou a ser oferecida por meio do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMus-USP), estruturado a partir da integração do corpo docente e das atividades acadêmicas de quatro unidades museológicas da USP: o Museu de Arqueologia e Etnologia, o Museu de Arte Contemporânea, o Museu Paulista e o Museu de Zoologia.

***

Pergunta 3:
A partir dos anos 1990, sua atuação se caracteriza pela consolidação de linhas de pesquisa de longo prazo, articulando Arqueologia Romana, estudo sistemático de acervos, tecnologia, produção e processos de contato cultural no Mediterrâneo. Nesse contexto, qual foi o papel da curadoria e da organização da Reserva Técnica do MAE-USP na estruturação dessas escolhas teórico-metodológicas, e de que maneira esse entendimento do acervo contribuiu para a construção de um modo específico de fazer Arqueologia Romana no Brasil?

Meu interesse pelo acervo do MAE-USP remonta ao início mesmo de minha iniciação científica. Sempre tive uma forte atração pelos objetos e frequentei assiduamente a antiga reserva técnica, então localizada no espaço original do Museu, no edifício dos departamentos de História e Geografia. Desde esse período mantive um contato muito próximo com as peças e com a tecnologia envolvida em sua produção. Talvez minha formação quase concluída em Física ajude a explicar o interesse persistente por pesquisas de caráter tecnológico, uma inclinação que, em verdade, antecede minha trajetória acadêmica.
Desde a infância, ao consertar os brinquedos de meus irmãos mais novos ou ao observar o trabalho de pedreiros, pintores e marceneiros nas diversas reformas realizadas em nossa casa, fui desenvolvendo uma atenção particular aos processos técnicos e às soluções práticas do fazer material. Esses ofícios sempre me encantaram, e aprendi muito com esses profissionais. Esse olhar atento para a materialidade acompanhou-me naturalmente no retorno ao acervo do Museu.

Nesse contexto, participei também do registro documental das coleções, ao lado de outras colegas, realizando a numeração de tombo diretamente nos objetos. Trata-se de uma das experiências mais ricas para se adquirir uma verdadeira intimidade com as peças, permitindo observar seus mínimos detalhes, marcas de uso, técnicas de fabricação e estados de conservação. Esse contato direto teve papel relevante em minhas escolhas futuras de pesquisa, tanto pessoais quanto na orientação de alunos que viriam a se formar sob minha supervisão.

Complementando minha atuação nas atividades do Museu, e em um período em que ainda não havia profissionais de museologia na instituição, em razão de minha familiaridade com os objetos e dos conhecimentos adquiridos sobre sua conservação e manejo, tive participação significativa na montagem de diversas exposições. Essas atividades ocorreram inicialmente nos espaços internos destinados à circulação do público e, mais tarde, no edifício do CRUSP, para onde docentes, funcionários e alunos foram temporariamente transferidos. No quinto andar daquele edifício organizou-se a exposição dos acervos de etnologia africana, arqueologia mediterrânica — Egito, Mesopotâmia, Itália pré-romana e romana, Etrúria, Magna Grécia e Sicília — e arqueologia pré-colombiana. Com exceção desta última, fui responsável pela montagem dos acervos africano e mediterrânico.

O conjunto dessas atividades museológicas pelas quais estive diretamente responsável conferiu-me reconhecimento institucional, permitindo que eu fosse aceita pelo Conselho Regional de Museologia (COREM) como museóloga quando da regulamentação legal da profissão, em 1984. Entre 1997 e 2002, já na atual sede do MAE, exerci o cargo de diretora da Divisão Científica do Museu, à qual estavam vinculados os serviços de Conservação, Documentação, os Laboratórios de Arqueologia e a Reserva Técnica. Foi nesse período — com início ainda no final da gestão da Professora Elaine Farias Veloso Hirata — que a Reserva Técnica passou por uma ampla reforma, com a instalação de armários deslizantes projetados especificamente para o acondicionamento das peças, respeitando suas características formais, materiais e necessidades de conservação.

Paralelamente, essas atividades de organização e gestão ofereceram-me a oportunidade de retomar de modo sistemático o estudo das coleções mediterrânicas, refletindo sobre seu potencial de exploração científica. Busquei, então, desenvolver pesquisas que articulassem a materialidade prática e técnica dos objetos às principais linhas teóricas da arqueologia, resultando na formulação de projetos de investigação consistentes, ancorados na integração entre inventário, análise tipológica e reflexão interpretativa.

A partir desse trabalho continuado, tornou-se possível estabelecer recortes temáticos mais precisos, capazes de relacionar aspectos tecnológicos, funcionais e simbólicos dos artefatos às discussões contemporâneas da arqueologia mediterrânica — e, em particular, da arqueologia romana. As coleções deixaram, assim, de ser concebidas apenas como acervos a serem preservados, passando a constituir um campo ativo de investigação, apto a sustentar projetos individuais e coletivos, orientar a formação de alunos e subsidiar exposições e ações de difusão científica. Esse movimento contribuiu de forma decisiva para fortalecer a vocação do Museu como espaço simultâneo de salvaguarda, pesquisa e produção de conhecimento, no qual a materialidade arqueológica se afirma como eixo estruturante de problemáticas teóricas mais amplas.

***

Pergunta 4:

Um eixo central de sua trajetória é o estudo da cultura material — em especial os bronzes e as cerâmicas do acervo do MAE-USP, incluindo materiais etruscos, laciais, itálicos e romanos. Como o trabalho sistemático com esses conjuntos, aliado ao interesse pela tecnologia, pela produção e pela arqueometria, contribuiu para repensar questões de contato cultural, continuidade e transformação no Mediterrâneo Antigo?

A tecnologia constitui um elemento fundamental para a compreensão dos contatos culturais, na medida em que integra de forma indissociável as práticas sociais, produtivas e simbólicas de toda cultura. Nesse sentido, o estudo tecnológico da cultura material revela-se um instrumento

particularmente eficaz para avaliar continuidades, transformações e convergências entre diferentes sociedades, a partir da análise minuciosa das técnicas empregadas em múltiplos domínios de atividade, como a arquitetura, a produção de objetos — ferramentas, armas, vasilhas e outros utensílios — e mesmo as práticas agrícolas.

No caso do acervo mediterrânico do MAE-USP, composto majoritariamente por vasilhas cerâmicas de diferentes tradições culturais, é natural que as questões tecnológicas tenham se concentrado, com maior frequência, nesse tipo de material. Um exemplo particularmente elucidativo de contatos culturais é oferecido pelos vasos cerâmicos denominados vilanovianos, datados de cerca do século IX a.C., e pelos vasos etruscos de *bucchero*, produzidos entre os séculos VIII e VII a.C. A proximidade técnica manifesta-se sobretudo no tipo de queima empregado, que resulta na coloração negra das paredes, tanto externa quanto internamente. Esse efeito é obtido pelo fechamento do forno durante a queima, em atmosfera redutora, o que impede a circulação do oxigênio e provoca a carbonização e o enegrecimento da própria argila.

Cabe salientar que "vilanoviano" não designa um grupo étnico ou uma população historicamente identificável. Trata-se de uma denominação derivada da localidade de Villanova, próxima a Bolonha, no norte da Itália, onde esses materiais foram inicialmente identificados. Posteriormente, verificou-se uma presença expressiva dessas cerâmicas na Etrúria e no Lácio, e, de forma mais esporádica, no extremo sul da península Itálica e em áreas restritas da Sicília.

No campo da arqueometria, que se apoia em análises físicas e químicas de alta precisão, tornou-se possível aprofundar ainda mais as questões relativas aos contatos culturais e às trocas entre comunidades distintas. Um caso exemplar refere-se a determinadas peças itálicas provenientes da Calábria que, por equívocos documentais, haviam sido registradas como originárias do Lácio, apesar de apresentarem características tipológicas sensivelmente distintas. A questão central residia em compreender como objetos supostamente laciais teriam alcançado uma região tão distante em um período no qual tais circuitos de contato seriam ainda incipientes.

Para enfrentar esse problema, recorreram-se a análises químicas por emissão e detecção de raios X, capazes de identificar a composição dos argilominerais utilizados na fabricação das cerâmicas. A interpretação dos resultados baseou-se na comparação entre os dados analíticos e a geologia das regiões indicadas como possíveis áreas de origem das peças, de modo a verificar a compatibilidade entre a mineralogia das argilas e a composição das rochas locais. Esse procedimento permitiu não apenas confirmar ou refutar as atribuições de procedência registradas na documentação museológica, mas também inferir técnicas de produção, níveis de especialização e domínio tecnológico.

A partir dessas análises, tornou-se possível comparar materiais de diferentes tradições culturais segundo seus modos de produção, identificando continuidades e transformações nos sistemas produtivos ao longo do tempo. Esse é apenas um entre vários exemplos em que os estudos arqueométricos, associados ao exame sistemático da cultura material, contribuíram decisivamente para repensar os processos de contato cultural, bem como as dinâmicas de continuidade e mudança no Mediterrâneo Antigo.

***

Pergunta 5:

A criação e a consolidação do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP) representaram um marco na pesquisa arqueológica no MAE-USP, integrando investigação coletiva, formação de pesquisadores, estudo de acervos e ações de extensão. Como surgiu o LARP, quais princípios orientaram sua concepção e que papel a senhora acredita que ele desempenhou — e ainda desempenha — no desenvolvimento da Arqueologia Romana no Brasil?

Inicialmente, o LARP foi pensado como uma forma de assegurar a própria sobrevivência da Arqueologia Romana no MAE-USP, isto é, como um meio de tornar perenes tanto a pesquisa quanto a docência nessa área. À época, o quadro docente de Arqueologia Mediterrânica no Museu era composto por cinco professoras, sendo quatro delas dedicadas à pesquisa da Grécia arcaica e clássica e de sua presença no Mediterrâneo Ocidental. Nesse contexto, já havia sido criado o Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA), sob a coordenação da Professora Maria Beatriz Borba Florenzano. Em contrapartida, eu era a única docente dedicada à pesquisa

de Roma republicana e imperial.
As perspectivas, naquele momento, não eram alvissareiras. Vislumbrava-se um cenário pouco promissor, no qual a pesquisa arqueológica sobre Roma corria o risco de se esvaziar gradualmente no âmbito institucional, sem que houvesse a formação de novos pesquisadores capazes de dar continuidade a essa linha de investigação. Diante disso, pareceu-me necessário preparar o terreno para a construção de um espaço coletivo de reflexão, capaz de promover a convergência em torno de uma temática comum, sistematicamente debatida e compartilhada.
Essa necessidade tornava-se particularmente evidente diante das escolhas temáticas apresentadas pelos alunos na pós-graduação. Reconheço que, naquele momento, adotei uma postura excessivamente liberal quanto à definição dos recortes de pesquisa, o que acabou se revelando, em certa medida, pouco produtivo para um planejamento de médio e longo prazo. Como resposta a essa dificuldade, passei a estabelecer como princípio que qualquer pesquisa desenvolvida fora da Península Itálica deveria, necessariamente, problematizar sua relação com Roma no quadro mais amplo do Mediterrâneo antigo.
Foi nesse contexto que, em 2005, formei o grupo de pesquisa do CNPq intitulado *Formas de contato e processos de transformação no Mediterrâneo Antigo: Roma e suas províncias*. Ao longo de seis anos, diversos alunos concluíram seus mestrados e doutorados, mantendo-se, contudo, vinculados ao grupo. Os primeiros sinais concretos de consolidação desse esforço coletivo tornaram-se visíveis em 2008, quando participamos do XVII Congresso Internacional de Arqueologia Clássica, em Roma, com a organização de uma mesa temática que levava o título do projeto do grupo de pesquisa e com a publicação dos trabalhos apresentados nos anais do congresso *Roma 2008 – International Congress of Classical Archaeology: Meetings Between Cultures in the Ancient Mediterranean*.
Finalmente, em 2011, elaborei o projeto de criação do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial, submetendo-o à FAPESP, que concedeu um auxílio com vigência até 2018. Os resultados foram extremamente satisfatórios. Desde então, o LARP apresentou um crescimento contínuo e consistente, impulsionado, sobretudo, pela permanência da maioria dos alunos formados como pesquisadores associados, envolvidos em projetos coletivos altamente produtivos. Atualmente, o LARP conta com 46 membros, entre eles 16 pesquisadores associados, 5 pós-doutorandos, 4 doutorandos, 7 mestrandos, 11 mestres e 3 graduandos de iniciação científica.
Respondendo, por fim, à última parte da questão, considero que o LARP tem desempenhado — e continua a desempenhar — um papel efetivamente relevante no desenvolvimento da Arqueologia Romana no Brasil, ao articular de modo sistemático a formação de pesquisadores, a pesquisa coletiva, o estudo de acervos e a projeção internacional da produção acadêmica nacional, contribuindo para a consolidação de uma abordagem integrada e comparativa da presença romana no Mediterrâneo antigo.

***

Pergunta 6:
Olhando em retrospecto para sua trajetória — desde a formação inicial, a experiência na Escola Francesa de Roma, a consolidação do MAE-USP, o trabalho com acervos, a pesquisa e a formação de novas gerações — que aspectos a senhora considera mais duradouros de seu percurso? E que desafios e perspectivas enxerga para o futuro da Arqueologia Romana e Mediterrânica no Brasil?

Trata-se de uma questão que reúne aspectos todos eles relevantes de minha trajetória e que, em grande medida, são difíceis de avaliar de forma isolada. Considero que esses elementos fazem parte de um mesmo processo, no qual a formação intelectual, a aquisição de práticas concretas e a experiência institucional se entrelaçam continuamente. Refiro-me não apenas ao desenvolvimento de habilidades no campo docente, mas também ao aprendizado da própria dinâmica da pesquisa arqueológica, que se transforma ao longo do tempo em diálogo com os avanços teóricos, metodológicos e técnicos da disciplina.
Não menos importante foi — e continua sendo — o aprendizado do convívio em grupos de

trabalho marcados por interesses diversos. A experiência acumulada ao longo dos anos mostrou-me que a construção de ambientes acadêmicos produtivos depende da capacidade de buscar convergências, cultivar o diálogo e preservar relações guiadas pelo respeito e pela compreensão mútua. Esses aspectos, embora muitas vezes menos visíveis, considero-os entre os mais duradouros de meu percurso, pois se refletem diretamente na formação de equipes, na orientação de alunos e na consolidação de projetos coletivos.

Quanto ao futuro da Arqueologia Romana e Mediterrânica no Brasil, mantenho uma perspectiva claramente otimista. Se compararmos as condições atuais de pesquisa com aquelas existentes há cerca de duas décadas, observa-se um crescimento expressivo tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Esse avanço é perceptível no próprio MAE-USP, mas também em outras universidades paulistas — como a UNICAMP e a UNESP — e em diferentes regiões do país, por meio da atuação de docentes formados nessas instituições, que hoje orientam novas gerações na graduação e na pós-graduação. Soma-se a isso a procura crescente pelo MAE-USP como espaço de pós-doutoramento por pesquisadores de outras universidades, o que reforça seu papel como polo formador e articulador.

Outro fator decisivo para esse cenário é a atuação das agências de fomento, em especial a FAPESP, que nos últimos anos ampliou de maneira significativa as possibilidades de internacionalização da pesquisa. Destaco, nesse sentido, a criação e consolidação da BEPE — Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior — acessível já a partir da iniciação científica, o que permite aos estudantes um contato precoce com centros internacionais de excelência, ampliando repertórios teóricos, metodológicos e redes de colaboração. Considero que essa combinação entre formação sólida no país, inserção internacional e fortalecimento institucional constitui um dos principais desafios e, ao mesmo tempo, uma das perspectivas mais promissoras para o futuro da Arqueologia Romana e Mediterrânica no Brasil.

***

Sobre os autores

Vagner Carvalheiro Porto
Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Arqueologia do Mediterrâneo Antigo no Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP). Lidera os Grupos de Pesquisa ARISE – Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas e Numismática Antiga. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (nível 2).
Contribuição de autoria: autor/entrevistador
Lattes: https://lattes.cnpq.br/5177324451229879

Como referenciar este artigo

PORTO, Vagner Carvalheiro. Maria Isabel D'Agostino Fleming: trajetória acadêmica e legado intelectual. **Perspectivas & Diálogos:** Revista de história social e práticas de ensino. Caetité, v. 8, n. 16, p. 235 - 241, 2025.